

OBJETIVO

As obras da **UNICAMP**



7

RAUL POMPEIA

O ateneu

O ATENEU

I. BIOGRAFIA DO AUTOR

1863: Raul D'Ávila Pompeia nasce em 12 de abril, em Angra dos Reis. Era filho do rico proprietário rural Antônio D'Ávila Pompeia, homem severo e carrancudo, e de Rosa Teixeira Pompeia, senhora submissa e voltada para as tarefas do lar. Nesse ambiente estão as sementes que fariam brotar o escritor: o contato com a escravidão do pai germinou no literato o espírito abolicionista; o caráter seco do progenitor tornou Raul desde pequeno um ser introvertido e avesso ao contato com outras crianças.

1873: Antônio D'Ávila Pompeia liquida seus negócios agrários em Angra dos Reis e se transfere para o Rio de Janeiro, onde compra casas e abre uma banca de advogado. Nesse mesmo ano, Raul Pompeia é matriculado no Colégio Abílio, que lhe fornecerá vasto material para a composição de *O Ateneu*. Em sua escola, sob o pseudônimo de Fabrício, o escritor se iniciará na atividade literária, participando do jornal satírico *O Archote*.

1879: Raul Pompeia transfere-se para o renomado Imperial Colégio D. Pedro II, onde termina os estudos secundários.

1880: *Uma Tragédia no Amazonas*, novela romântica que Pompeia havia escrito aos quinze anos, é publicada.

1881: Raul Pompeia muda-se para São Paulo para estudar na Faculdade de Direito do Largo do São Francisco. Engaja-se na campanha abolicionista. É nessa mesma época que exerce publicamente seus dotes na composição de caricaturas, que aparecem em charges e cartuns que atacam os escravistas de São Paulo. Mais tarde sua habilidade ilustrará *O Ateneu*.

1884: É reprovado injustamente, segundo testemunhas, por uma banca examinadora. Além disso, por causa de insubordinações acadêmicas, transfere-se para a Faculdade de Direito do Recife, onde termina seu curso.

1888: Já consagrado como integrante da intelectualidade brasileira, publica *O Ateneu*.

1891: Afastando-se da literatura, mergulha na política. Nesse campo, os intelectuais, antes unidos em nome das causas abolicionistas, agora estão separados. Pompeia torna-se partidário de Floriano Peixoto, por enxergar nesse presidente o pulso firme para fortalecer a república brasileira. Opõe-se, portanto, aos que viam nesse governante o símbolo da opressão que deveria ser repelida. Em tal contexto, Raul Pompeia desentende-se com Olavo Bilac, numa discussão que abandona o lado argumentativo e parte para a vulgaridade reles: este faz insinuações a respeito de supostas práticas homossexuais daquele, enquanto aquele rebate fazendo alusões a incesto supostamente cometido pelo seu opositor. A consequência é a marcação de um duelo, que os dois, ao que parece, nunca tiveram coragem de levar às vias de fato.

1895: Durante o enterro de Floriano Peixoto, Raul Pompeia faz um discurso violento atacando o presidente Prudente de Moraes, que estava presente ao evento. Essa atitude, vista como de extrema grosseria, foi muito mal recebida entre a intelectualidade. Luís Murat, ex-colega de classe de Pompeia, publica um artigo, "Um louco no cemitério", em que afirma que, para que o autor de *O Ateneu* pudesse fazer as críticas tão ferozes que proferira no funeral de Floriano Peixoto, deveria pelo menos ser um homem corajoso e valente, qualidades que, de acordo com o articulista, Pompeia não possuía, como comprovava a covardia com que fugira do já tão famoso duelo. Ao tomar conhecimento do texto, o florianista entra em desespero. Tenta articular reações pela imprensa, todas inúteis. Sofrendo por causa de solidão, depressão, morbidez e contradições existenciais, mata-se com um tiro no coração em 25 de dezembro. Pouco antes, tinha escrito um bilhete para um jornal que, segundo ele, o desprestigiara: "À *Notícia* e ao Brasil declaro que sou um homem de honra".

2. OBRAS

A — Prosa

— *Uma Tragédia no Amazonas* (romance), Rio de Janeiro, 1880.

— *Microscópios* (contos), publicados no jornal estudantil *A Comédia*, São Paulo, 1881.

— *As Joias da Coroa* (romance), publicado na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1882.

— *O Ateneu* (romance), publicado na *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 1888.

— *Agonia* (romance), inacabado e inédito.

B — Poesia

— *Canções sem Metro* (poemas em prosa), iniciadas no *Jornal do Comércio*, São Paulo, em 1883; publicadas postumamente, em 1900.

C — Outros

— *Alma Morta*, Rio de Janeiro, 1888.

— *Prosas Esparsas de Raul Pompeia*, Rio de Janeiro, 1920/1921.

3. O ATENEU: RESUMO E ANÁLISE

O Ateneu é um romance em que Sérgio, já adulto, conta-nos suas memórias de infância e adolescência em um colégio interno, que dá nome ao livro. Esse estabelecimento era então considerado o melhor do Brasil, para onde afluíam os alunos das consideradas as melhores famílias do país. O narrador aproveita-se desse fato para criticar a confusão que se faz entre estar entre os mais ricos e ser excelência de caráter. Já nas primeiras páginas revela-se, portanto, a intenção da obra de desancar a sociedade brasileira da época, o Segundo Reinado.

Esse livro tem características de autobiografia, ou seja, de narrativa em que o enunciatador relata fatos de sua existência. Pode-se colocar em dúvida essa rotulação, pois as memórias apresentadas na obra não são as do autor, Raul Pompeia, mas de Sérgio. No entanto, há de se lembrar, em primeiro lugar, que autor e narrador não são sinônimos e que este último é o que interessa para a análise literária, por ser a voz que de fato se manifesta no texto. Além disso, é importante destacar que Sérgio é o alter-ego, isto é, o outro *eu* de Raul Pompeia. Basta observar, a título de comprovação do que se está afirmando, que Pompeia, assim como seu protagonista, também estudou em colégio interno. Dessa forma, o autor transfigurou suas reminiscências de infância e adolescência em um internato (Colégio Abílio) nos relatos de Sérgio, também aluno de colégio interno (Ateneu).

Essa transfiguração é elemento marcante na obra, o que pode ser apontado como a base do trabalho da literatura durante a apropriação da realidade presente que

o seu fazer estético testemunha. Tal flexibilização pode ser captada no subtítulo do romance, que funcionaria como prenúncio: “crônica de saudades”. A palavra *saudades* anunciaria a já referida proposta memorialista do livro. Já o termo *crônica*, que vem do latim *chronica*, que por sua vez tem sua origem no grego *khronos*, carrega desde o princípio a ideia de tempo – é o relato dos acontecimentos de um determinado período, que, no caso, é a infância e adolescência de Sérgio. Além disso, há um significado novo associado a esse vocábulo, assumido por modernistas como Fernando Sabino e Rubem Braga, mas já presente no realista Machado de Assis: o gênero literário que se caracteriza por ser escrito de forma livre, ao sabor do momento – ou do lirismo do autor.

A liberdade é de fato algo que se manifesta em vários aspectos de *O Ateneu*. Um deles está na forma com que o passado é recuperado por Sérgio. Não há um trabalho “fotográfico”, objetivo e exato como nos típicos romances do Realismo-Naturalismo, que lhe são contemporâneos. Tudo o que o narrador expõe é submetido a um crivo pessoal e emotivo, que esgarça o testemunho, tornando-o em alguns momentos impreciso. Basta lembrar, por exemplo, o relato que o protagonista faz do jantar na casa de Aristarco – o que o narrador lembra são fragmentos da cena, como dois olhos negros vistos entre as flores que compunham a decoração da mesa. Nem se recorda se Melica, a jovem tão adorada dos alunos e filha do proprietário do estabelecimento educacional, estivera presente. Enfim, não é à toa que o próprio Sérgio reconhece que sua narração nebulosa, indefinida, muitas vezes compõe-se do que chama de “manchas”. Nesse ponto, sua literatura acaba assumindo traços do **Impressionismo**, pois, à semelhança dessa escola de pintura, que tem Claude Monet (1840-1926) como expoente, deu mais atenção à impressão captada da realidade do que a ela em si.

Como já percebido, *O Ateneu* não se prende rigidamente aos ditames do Realismo-Naturalismo. Tal fenômeno se deve à desobediência à objetividade e à precisão cientificistas do estilo que consagrou figuras como Eça de Queirós e Aluísio Azevedo. Mas esse desvio não se manifesta apenas nos traços impressionistas que Pompeia imprime à sua narrativa. Ocorre também por meio de elementos do **Expressionismo**, detectáveis no exagero que distorce a percepção da realidade, tornando-a grotesca. É o que se nota quando Sérgio descreve seus colegas de sala, dizendo, por exemplo, que um tinha o nariz curvo como uma foice e outro, caretas de macaco. Aparece também na maneira como é caracterizada a sexualização de Ângela, a empregada de D. Ema, esposa de Aristarco. E surge na descrição que o narrador faz do piquenique que os alunos do Ateneu fazem no Jardim Botânico:

Quando os rapazes sentaram-se, em bancos vindos do *Ateneu* de propósito, e um gesto do diretor ordenou o assalto, as tábuas das mesas gemeram. Nada pôde a severidade dos vigilantes contra a selvageria da boa vontade. A licença da alegria exorbitou em canibalismo.

Aves inteiras saltavam das travessas; os leitões, à unha, hesitavam entre dois reclamos igualmente enérgicos, dos dois lados da mesa. Os criados fugiram. Aristarco, passando, sorria do espetáculo como um domador poderoso que relaxa. As garrafas, de fundo para cima, entornavam rios de embriaguez para os copos, excedendo-se pela toalha em sangueira. Moderação! moderação! clamavam os inspetores, afundando a boca em aterros de farofa dignos do Sr. Revy. Alguns rapazes declamavam saúdes, erguendo, em vez de taça, uma perna de porco. À extremidade da última das mesas um pequeno apanhara um trombone e aplicava-se, muito sério, a encher-lhe o tubo de carne assada. Maurílio descobriu um repolho recheado e devorava-o às gargalhadas, afirmando que era munição para os dias de gala. Cerqueira, *ratazana*, curvado, redobrado, sobre o prato, comia como um restaurante, comia, comia, comia como as sarnas, como um cancro. Sanches, meio embriagado, beijava os vizinhos, caindo, com os beijos em tromba. Ribas, dispéptico, era o único retraído; suspirava de longe, anjo que era, diante dos reprovados excessos da bacanal.¹

Nesse evento, há uma profusão de ingredientes que caracterizam a maneira exagerada de enxergar e distorcer a realidade, tornando-a grotesca: o piquenique é qualificado como selvageria, canibalismo e bacanal, aves inteiras saltam das travessas, saúdes são brindadas com pernas de porco e a mesa fica encharcada por causa das garrafas “de fundo para cima” que “entornavam rios de embriaguez [...] pela toalha em sangueira”.

Ainda assim, *O Ateneu* é romance que apresenta claros sinais do estilo vigente na época. Notam-se nele elementos típicos do **Naturalismo**, principalmente os ligados à obsessão pelo sexo. É o que se observa na já mencionada erotização explosiva de Ângela, que chega a provocar cenas com toques masturbatórios, em que os jovens do internato desesperadamente a observam cheios de desejo, ainda que separados pelo muro que separa o colégio à casa de Aristarco. Estão presentes nas referências à homossexualidade, que se dá tanto de maneira explícita – como no relacionamento entre Cândido (chamado de Cândida) e Tourinho – quanto de forma implícita, nas amizades que Sérgio desenvolve na escola, todas marcadas por um amor – ou desejo – que não ousa dizer o seu nome. Seus alvos são, na sequência, o brilhante aluno Sanches, o atencioso bibliotecário Bento Alves e o idílico Egbert.

¹ POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. 12.^a ed. São Paulo: Ática, 1990, p. 101-102.

É válido perceber que esses relacionamentos homossexuais, que não chegam de fato a se concretizar em conjunção carnal, tornam-se latentes por meio de um jogo dúbio de ocultação, dissimulação, recalque e denegação. Configuram-se um terreno riquíssimo para análises psicanalíticas, principalmente do campo freudiano. Além disso, infere-se, na sequência dos pares de Sérgio, uma gradação, que vai do nível mais baixo e carnal ao mais sublime e idealizado.

O primeiro companheiro de Sérgio, Sanches, dedicava-se a ensinar-lhe a matéria de forma extremamente afetuosa, que disfarçava quando aparecia algum adulto – sinal de alerta para o jovem protagonista. Foi descartado quando, na solidão escura do pátio, fez uma proposta, que o narrador não conta ao leitor exatamente qual foi. Tudo o que nos revela é que intimamente a recebeu com aversão, tratando de declarar ao assediador que precisava buscar um lenço – estava se sentido constipado. O relacionamento é substituído por um ódio calado, em que Sérgio, para atacar a reputação do seu antigo protetor, resolve decair no desempenho escolar, tornando-se um dos piores alunos da turma.

O segundo companheiro, Bento Alves, permitiu que o protagonista desenvolvesse uma feição que entende como feminina – a disposição em conquistar pela fragilidade de querer ser protegido. E o amigo exerce bem o seu papel complementar, sabendo selecionar livros para o jovem, chegando até a comprá-los para abastecer a biblioteca da escola para, no fundo, torná-los leitura do menino. O relacionamento passa a ser mais refinado que o mantido com Sanches, baseando-se na troca tímida de olhares e no encantamento com o simples roçar de roupas. No período de férias, Bento visita a casa de Sérgio, ganhando a confiança da família do protagonista, por se mostrar um aluno mais velho que poderia proteger o ingênuo contra as más influências do ambiente escolar. Até que, inexplicavelmente, um dia o tão doce companheiro aparece com o olhar transtornado de ódio (Sérgio em outros momentos já havia captado esses lampejos) e, caindo sobre o protagonista, começa a espancá-lo. Larga-o apenas com a chegada repentina de Aristarco. Dias depois desliga-se da escola.

O último é Egbert. Com ele Sérgio desenvolve momentos idílicos, em que um lê um livro (geralmente de histórias de amor) ao outro, que ouve atento enquanto recosta a cabeça no joelho do amigo. Ou então os dois se divertem no balanço de maneira arriscada, pés para o ar, cabeça para o chão, como se provocando o perigo de o brinquedo se partir, o que os atiraria fatalmente para uma união de almas no ar...

Um dia ambos são convidados para um jantar na casa de Aristarco. É a partir desse evento que o encantamento de Sérgio por Egbert é trocado pelo por D. Ema. Tanto que naquela noite ele tem um sonho com a senhora todo

carregado de conotações erótico-masturbatórias em que o menino se vê tentando calçar o pé da digníssima mulher.

Mas o Naturalismo em *O Ateneu* não se manifesta apenas no campo da sexualidade. Ele está presente na incorporação do darwinismo à trama narrativa. O colégio interno é descrito já na fala do pai, que abre o livro, como um lugar de luta: “Coragem para a luta”. Quando o narrador confessa que “Bastante experimentei depois a verdade deste aviso”, ele acaba reconhecendo que a escola era um espaço de disputa, se não por sobrevivência, mas por domínio.

Nessa selva, é natural que os alunos do colégio sejam divididos entre protetores (meninos-homens), que são os dominadores, e protegidos (meninos-mulheres), que são os dominados. E Sérgio, já nos primeiros dias de aula, é aconselhado por Rebelo a não assumir a condição indigna de ter protetores: “Faça-se homem, meu amigo! Comece por não admitir protetores”. Pouco depois a lição parece ter sido absorvida: Barbalho, que vivia importunando o protagonista, acaba acuado ao levar no rosto um ataque da vítima, ficando por dias com a face marcada por unhas.

Ainda assim, a rigor o darwinismo não dá a vitória propriamente ao mais forte, mas ao mais bem adaptado. E é esse fenômeno que se vai manifestar em Sérgio. Sentindo como cansativo lutar pelo seu espaço, passa a desejar um protetor, encontrando-o primeiramente em Sanches, depois em Bento Alves e, por fim, em D. Ema. E vai garantir sua sobrevivência não pela luta por ideais de grandeza – o que colocara em mente assim que entrara no internato –, mas pela adaptação ao medíocre.

Franco é outro excelente exemplo do darwinismo em *O Ateneu*, mas em sinal contrário – negativo. Está entre os piores alunos, rotineiramente submetido a vexames e castigos por não conseguir se adaptar ao meio em que se encontra. Transforma-se no bode expiatório do internato. Por fim, após ser confinado – mais uma vez – à cafua, adoece. Deliberadamente expõe-se à friagem para piorar seu quadro, como uma forma de vingança contra o ambiente que o hostilizava. Morre, tendo seu funeral manifestado da forma mais discreta possível, para que não se passasse a imagem de que o colégio era um local insalubre.

É importante lembrar que a obsessão sexual em *O Ateneu* se comunica com dois campos diferentes de análise. O primeiro, já mencionado, é o do Naturalismo, que subordina o comportamento humano aos impulsos animalizantes. O segundo é o da psicanálise, que não enxerga essas ações como impulsos, mas como pulsões, pois estariam submetidas à complexa mentalidade humana. Nesse sentido, pode-se encaixar o encantamento de Sérgio por D. Ema como uma representação do complexo de Édipo. Dentro desse escopo, o empolado e repressor Aristarco, como diretor do colégio, encarnaria o papel do odiado pai, enquanto sua esposa, atenciosa, assumiria o papel da mãe. Não é à toa que seu nome é anagrama de “mãe”². Não é à toa também que a

² É interessante como alguns nomes de personagens em *O Ateneu* são fortuitos.

ambiguidade edípica eclodirá na penúltima cena do romance, em que Sérgio, doente, é cuidado pela gentil senhora. Os dois têm instantes carinhosos a dois, como aquele em que se entregam a aproveitar a beleza de uma paisagem. A última ação dessa cena é carregada de simbologia: D. Ema envolve o menino em seu colo, cobrindo-o com os cabelos dela. É o retorno aconchegante ao útero.

O Ateneu apresenta ainda uma ligação forte com o **Realismo**, na medida em que se propõe a fazer uma crítica social destituída da visão idealizadora do movimento anterior, o Romantismo. Essa intenção pode ser captada, por exemplo, nas três conferências que ocorrem no internato, nas quais o autor veicula suas ideias. A primeira dedica-se a descrever a literatura brasileira de até então, servindo para desancar a intelectualidade da época. A segunda versa sobre a arte em geral, enxergando-a como uma extensão sublimada dos elementos sensoriais. Além disso, como num eco do ideal parnasiano da arte pela arte, considera que o fazer estético deve centrar-se na busca da beleza. A última discorre sobre a educação, valorizando o internato como a melhor forma de capacitação do homem para a sociedade. A vantagem desse tipo de escola seria fortalecer o indivíduo, isolando-o da influência familiar, que o enfraqueceria para a luta tanto dentro como fora da escola. Seguindo esse escopo, tal teoria parece confirmar e valorizar o que acontecia no Ateneu, pois toda a sua opressão e malignidade seriam ensaio para o mundo que o adolescente encontraria assim que se formasse.

Deve-se também colocar em cena outro aspecto típico do Realismo: o abandono das idealizações. Uma imagem bastante simbólica dessa derrocada é o contraste entre dois momentos do livro. O primeiro faz parte dos primeiros instantes de Sérgio no colégio. É quando ele vê uma ilustração na parede da escola que o encanta:

(...) meninos nus como nos frisos de Kaulbach³, risonhos, com a ferramenta simbólica — psicologia pura do trabalho, modelada idealmente na candura do gesso e da inocência. Eram meus irmãos! Eu estava a esperar que um deles, convidativo, me estendesse a mão para o bailado feliz que os levava. Oh! que não seria o colégio, tradução concreta da alegoria, ronda angélica de corações à porta de um templo, *dulia*⁴ permanente das almas jovens no ritual austero da virtude!⁵

Citam-se dois exemplos, entre tantos, para se confirmar o que se está afirmando. “Ângela”, que vem de “anjo”, assume na narrativa um comportamento que é o oposto desse sentido; “Aristarco” é a soma de dois termos gregos, “arist”, que está presente em “aristocracia” e significa “superior”, e “arc”, que está presente em “monarquia” e significa “poder”.

³ Wilhelm von Kaulbach (1805-1874) era um pintor e ilustrador alemão que se consagrou como muralista.

⁴ *Dulia*: veneração a anjos e santos.

⁵ *Ibid.*, p. 15.

Inspirado por essas figuras idealizadoras, deseja encher-se de valores nobres e engrandecedores. Entretanto, após inúmeras experiências sórdidas que acumulara, que o ensinaram que a realidade é amarga e opressora, revê essas figuras e tece comentário diferente:

Senti-me velho. Que longa viagem de desenganos! Alguns meses apenas, desde que vira, à primeira vez, as ideais crianças vivificadas no estuque pelo contágio do entusiasmo ingênuo, ronda feliz do trabalho... Agora, um por um que os interpretasse, aos pequenos hipócritas mostrando as nádegas brancas com um reverso igual de candura, um por um que os julgasse, e todo aquele gesso das facezinhas rechonchudas coraria de uma sanção geral e esfoladora de palmadas. Não me enganavam mais os pequeninos patifes.⁶

No entanto, não havia nada de engodo. Quando o pai de Sérgio anunciara que o menino iria encontrar no internato o mundo, conclamando-o a ter coragem para a luta, já havia anunciado de maneira clara a negatividade daquele ambiente. Se traição houve, fora provocada pela ingenuidade do protagonista.

Cabe lembrar que a profecia do pai chama a atenção para um aspecto marcante em *O Ateneu*. Quando é anunciado que no colégio interno Sérgio iria encontrar o mundo, permite-se entender que no romance se manifesta um jogo entre o microcosmo (o internato) e o macrocosmo (a sociedade), um universo refletindo o outro. Dessa forma, ao abordar os mecanismos de funcionamento do internato, Raul Pompeia na verdade descarrega uma crítica à sociedade em que o colégio está inserido, que é o Brasil monárquico⁷. Condenam-se, assim, as estruturas corroídas da monarquia.

Entre os diversos ataques desferidos pelo autor, chamam a atenção os que se dirigem à forma como a educação estava sendo tratada por Aristarco. Sintomático é o seguinte trecho:

Aristarco, que consagrava as manhãs ao governo financeiro do colégio, conferia, analisava os assentamentos do guarda-livros. De momento a momento entravam alunos. Alguns acompanhados.

A cada entrada, o diretor lentamente fechava o livro, marcando a página com um alfanje⁸ de marfim; fazia girar a cadeira e soltava interjeições de acolhimento, oferecendo episcopalmente⁹ a mão peluda ao beijo contrito¹⁰ e filial dos meninos. Os maiores, em regra, recusavam-se à cerimônia e partiam com um simples aperto de mão.

⁶ Ibid., p. 95.

⁷ Basta lembrar que a Princesa Regente comparece ao Ateneu no início e no final do romance.

⁸ Alfanje: adaga de lâmina larga e curta, cujo fio se encontra no lado convexo da curva.

⁹ Episcopalmente: de maneira semelhante a um bispo.

¹⁰ Contrito: arrependido.

O rapaz desaparecia, levando o sorriso pálido na face, saudoso da vadiação ditosa¹¹ das férias. O pai, o correspondente, o portador, despedia-se, depois de banais cumprimentos, ou palavras a respeito do estudante, amenizadas pela gracinha da bonomia¹² superior de Aristarco, que punha habilmente um sujeito fora de portas com o riso fanhoso e o simples modo impelido de segurar-lhe os dedos.

A cadeira girava de novo à posição primitiva; o livro da escrituração espalmava outra vez as páginas enormes; e a figura paternal do educador desmanchava-se, volvendo a simplificar-se na esperteza atenta e seca do gerente.

A este vaivém de atitudes, feição dupla de uma mesma individualidade e contingência comum dos sacerdócios, estava tão habituado o nosso diretor, que nenhum esforço lhe custava a manobra. O especulador e o levita¹³ ficavam-lhe dentro em camaradagem íntima, *bras dessus, bras dessous*¹⁴. Sabiam, sem prejuízo da oportunidade, aparecer por alternativa ou simultaneamente; eram como duas almas inconhas¹⁵ num só corpo.

Soldavam-se nele o educador e o empresário uma perfeição rigorosa de acordo, dois lados da mesma medalha: opostos, mas justapostos.

Quando meu pai entrou comigo, havia no semblante de Aristarco uma pontinha de aborrecimento. Decepção talvez de estatística; o número dos estudantes novos não compensando o número dos perdidos, as novas entradas não contrabalançando as despesas do fim do ano. Mas a sombra de despeito apagou-se logo, como o resto de túnica que apenas tarda a sumir-se numa mutação à vista; e foi com uma explosão de contentamento que o diretor nos acolheu.

Sua diplomacia dividia-se por escaninhos numerados, segundo a categoria de recepção que queria dispensar. Ele tinha maneiras de todos os graus, segundo a condição social da pessoa. As simpatias verdadeiras eram raras. No âmagô de cada sorriso, morava-lhe um segredo de frieza que se percebia bem. E duramente se marcavam distinções políticas, distinções financeiras, distinções baseadas na crônica escolar do discípulo, baseadas na razão discreta das notas do guarda-livros. Às vezes, uma criança sentia a alfinetada no jeito da mão a beijar. Saía indagando consigo o motivo daquilo, que não achava em suas contas escolares... O pai estava dois trimestres atrasado.¹⁶

¹¹ Ditosa: feliz.

¹² Bonomia: bondade.

¹³ Levita: sacerdote.

¹⁴ “Bras dessus, bras dessous”: expressão francesa que pode ser traduzida como “de braços dados”.

¹⁵ Inconhas: acopladas, muito ligadas entre si.

¹⁶ Ibid., p. 22-23.

Raul Pompeia, por meio de Sérgio, manipula com maestria a linguagem de maneira a compor um perfil dúbio de Aristarco em que dois elementos contrários (na visão do autor) se unem: o empresário e o educador. Como magistralmente resume o narrador, são faces “opostas, mas justapostas”. A atenção do diretor inicialmente está focada no livro de escritura, em que controla a movimentação financeira do colégio. Mas a cada chegada de aluno seu foco é habilmente desviado para o estudante, que no fundo significa reforço na caixa. E é essa forma venal que diferenciará os alunos do Ateneu. Esse hábito, somado a tantos outros (os eventos esportivos, o material de propaganda distribuído para diversos cantos do país, o patrocínio a atividades intelectuais), revela a maneira como nas mãos de Aristarco a educação é tratada como mercadoria.

Dessa forma, as propostas pedagógicas do diretor acabam comprometidas, o que se nota já de antemão pela maneira como são apresentadas, em uma linguagem tão carregada de clichês do discurso educacional que revela uma retórica rica e empolada, mas vazia de eficácia. São práticas educacionais marcadas por hipocrisia, como fica bem representado pela dissonância entre os lemas pregados em letras góticas em cartazes pelas paredes da escola e a realidade mesquinha e muitas vezes imoral do dia a dia.

A crítica de Raul Pompeia ao ensino torna-se gritante no que se refere ao sistema de punição do Ateneu, que não se restringia ao campo físico – atingia também o psicológico, ferindo a dignidade. Um desses mecanismos se dava diariamente e consistia logo de manhã na temida leitura em público do “livro”, em que os professores haviam anotado no dia anterior queixas sobre o mau comportamento de determinados alunos. Essas práticas revelam um sistema educacional baseado na opressão, o que, na lógica do romance, acaba condenado.

Prova desse repúdio são as consequências desse clima de repressão, o qual o narrador vai expondo em um crescendo. Inicialmente esse esquema opressivo faz parte de uma rotina, que se naturaliza. Franco todos os dias é humilhado tanto pelo sistema educacional quanto pelos demais alunos – é o bode expiatório. Resigna-se à sua condição de pária, mas alimenta ódio a todos. É por isso que chega a preparar uma vingança: espalhar cacos de vidro na piscina em que seus colegas se banhavam. A sorte – azar para ele – é que a reciclagem prévia da água impediu que a catástrofe se concretizasse.

As agressões, no entanto, não se restringiam a Franco. Rômulo, por ser obeso, era vítima constante do que hoje chamamos de *bullying*, pois a toda hora o chamavam de “mestre *cook*”, isto é, “mestre-cuca” – o atual “*master-chef*”. O próprio Sérgio era vítima de importunações, principalmente vindas de Barbalho, que, mesmo após ter sido golpeado pelo protagonista, continuava incomodamente o provocando. Mas todas elas, repita-se, faziam parte de uma normalidade, que mantinha uma estabilidade

no clima opressivo. O crescendo é estabelecido já próximo ao final do romance por meio de uma série de acontecimentos excepcionais que desequilibram o colégio.

O primeiro deles ocorre quando Bento Alves inexplicavelmente ataca Sérgio. O embate termina com a chegada de Aristarco. O agressor foge e a vítima é segurada pelo diretor. O protagonista, sentindo-se um escorpião pisoteado, ainda sob o estresse do embate, reage violentamente contra o pedagogo arrancando-lhe alguns fiapos do nobre bigode. A consciência de que havia agredido um superior desarma o menino, que se sente desgraçado. O castigo parecia óbvio: execração e expulsão sumária. No entanto, nada lhe aconteceu. Sérgio, adolescente, suspeitara que ocorrera uma jogada pedagógica: o remorso silencioso seria a melhor forma de punição. Sérgio, adulto, entende que a explicação se encontrava em questões mais pragmáticas: Bento Alves cancelara matrícula dias após o ocorrido – expulsar o protagonista seria perder dois bons pagadores.¹⁷

Pouco tempo depois, Aristarco descobre que dois alunos, Cândido e Tourinho, mantinham um relacionamento amoroso. Promete punição rigorosa, que começa pela exposição vexatória não só dos amantes, mas de outros, acusados de contribuírem para o enlace. Mais tarde são levados à sala do diretor, onde, comenta-se, houve até castigo corporal.

Nesse mesmo dia, Franco reclama insistentemente do que considera injustiça: ele ser o errado da escola, quando havia, na sua visão, infratores piores – homossexuais. Suas queixas foram tão constantes que irritaram o inspetor Silvino, que partiu para cima do estudante. A violência só não se efetivou porque os demais estudantes se envolveram, acuando o bedel.

Aristarco via-se então em uma crise, pois a autoridade de seus funcionários – e, por extensão, de sua escola – estava sendo questionada. Como reagir? Punir os insurretos manteria a ordem, mas a consequência – expulsão – faria um rombo considerável no caixa da escola.

O que não podia piorar piorou. O clima de insatisfação espalha-se. Durante a refeição, os alunos se revoltam contra a goiabada que é servida, que na verdade é de banana. Ocorre então uma revolta no refeitório, com o amaldiçoado doce sendo atirado por toda parte em meio à gritaria geral. Esse episódio é chamado cômica e ironicamente de “Revolução da Goiabada”, instaurando um caos que coloca Aristarco em uma situação tensa de extremo descrédito de sua autoridade.

No entanto, quando o diretor fica sabendo do motivo da revolta – os garotos estavam cansados de comer sempre o mesmo e desqualificado doce –, hábil e politicamente contorna a crise. Dirige-se a todos os alunos, dando-lhes razão para a queixa, mas não

¹⁷ Em textos memorialistas, é importante notar a diferença entre a personagem, geralmente mais ingênua, e o narrador, mais amadurecido.

concordava com a forma como havia sido feita. Lembra que poderiam ter comunicado pacificamente a reclamação, sem necessidade de balbúrdia. E reforça, mostrando várias latas do doce, que ele não era culpado, mas também vítima de logro. Todas diziam que o conteúdo era goiabada “de goiaba” e não aquela falsificação, composta de banana. Reforça ainda que não havia motivo para economias mesquinhas no Ateneu, ainda mais na alimentação dos alunos. E, como prova da boa vontade, anistiava todos os infratores do dia. Houve comemoração geral, Aristarco deixando de ser algoz e tornando-se o grande pai de todos.

Ainda assim, Silvino exige, em nome da preservação de sua autoridade, que Franco seja punido, pois, diz, fora o único aluno que se levantara diretamente contra um funcionário da escola. Por isso, o jovem fica preso na cafua, de onde sai doente e, como já dito, determinado a morrer como forma de vingança contra a escola. Expõe-se ao mau clima, agravando seu estado de saúde e, assim, pondo fim à sua vida.

Entretanto, esse que seria o clímax da opressão é logo esquecido, pois a escola se prepara para um grande evento, que conta até com a presença da Princesa Regente: a inauguração de um busto em homenagem a Aristarco.¹⁸ No final, é cômica a decepção do diretor ao sentir que os louvores não eram para ele, mas para o seu busto. Em meio ao seu típico narcisismo, sente ciúme de sua estátua. É por isso que, por despeito, retira os louros que são colocados na escultura. Ironicamente, todavia, o gesto foi entendido como de humildade.

Nesse ponto *O Ateneu* atinge o seu ápice. Resta então, na lógica da narrativa, o declínio. E, como preparação para essa queda, ocorre uma extensa pausa. Trata-se do período de férias, em que quase todos os alunos voltam para casa. Menos Sérgio, que está com sarampo. Enquanto sua família viaja para a Europa¹⁹, o protagonista fica na enfermaria da escola, aos cuidados de D. Ema. Desenvolve-se entre os dois uma intimidade, com mãos dadas, cabeça encostada ao ombro para admiração de paisagem, havendo até momento para confissões:

“Ah! tem ainda um pai, disse Ema, uma querida mãe, irmãos que o amam... Eu nada tenho; todos mortos... Aparecem-me às vezes à noite... sombras. Ninguém por mim. Nesta casa sou demais... Deixemos essas coisas.

¹⁸ É muito comum na composição dos capítulos de *O Ateneu* a justaposição de episódios de teor diferente, muitas vezes opostos. O livro parece ter como tempero marcante o contraste de cenas. Mais uma vez entra em ação a expressão cunhada pelo narrador: “opostos, mas justapostos”.

¹⁹ Há que se prestar atenção às entrelinhas desse fato, que faz desconfiar que Sérgio é uma criança abandonada no internato por sua família. Coincidência ou não, o pouco que se sabe da biografia de Raul Pompeia revela que o autor tinha um pai pouco afeito a manifestações de carinho. Reforça-se, assim, o caráter de alter-ego que o protagonista assume no romance.

Não sabe o que é um coração isolado como eu...
Todos mentem. Os que se aproximam são os mais
traidores...”²⁰

Todo esse clima sentimental e até edípico é brutalmente interrompido com a notícia de que o Ateneu estava pegando fogo. Provavelmente um novo aluno havia provocado a catástrofe. Trata-se de Américo, de gênio indomado, que não se adaptara em nenhuma outra escola. Aristarco o aceitara, crente que sua pedagogia opressora iria domar a jovem fera. A resposta violenta era mais um elo da cadeia de fracassos que seu sistema educacional vinha revelando.

É interessante notar a dedicação com que o narrador se entrega à descrição do fogo tomando conta do internato. Parece revelar um prazer, como se representasse o desejo de Sérgio (ou de Raul Pompeia) de se vingar não só da escola que tanto o oprimiu, mas também de memórias tão carregadas de negatividade. No fundo, é um gesto de recusa a um universo de valores dos quais o autor e o seu alter-ego não queriam mais fazer parte.

Controlado o incêndio, encontra-se Aristarco entre os escombros de seu estabelecimento. Sem mulher – sua esposa desaparecera em meio à confusão –, sem escola, a imobilidade do diretor – que de fato parecia se transformar em uma estátua²¹ –, alheio a tudo e todos ao seu redor, representava o fim de um mundo. É nesse ponto que Sérgio resolve encerrar sua narrativa.

²⁰ Ibid., p. 145.

²¹ Esse detalhe é muito importante. No começo do romance, Sérgio descreve Aristarco como alguém que padece de uma doença: a obsessão de estátua. Como ainda não havia uma escultura em seu louvor, dedicava-se a gestos e frases grandiosos, para que o admirassem. A inauguração de seu busto provoca-lhe uma frustração: para que uma estátua o homenageie, seria necessário que ele deixasse de viver. Sua pose final, diante da derrocada de seu mundo, é trágica e ironicamente a concretização de seu sonho.

□ Exercícios

1. (UFRGS – ADAPTADO) – Leia as afirmações sobre o romance *O Ateneu*, de Raul Pompeia.
- Sérgio, em seu relato memorialista, revela a outra face da fachada moralista e virtuosa que circundava *O Ateneu*, a face em que se incluem a corrupção, o interesse econômico, a bajulação, as intrigas entre os adolescentes.
 - A narrativa, ainda que feita na primeira pessoa, evita o comentário subjetivo e as impressões individuais, uma vez que o narrador adota uma postura rigorosa, condizente com o cientificismo da época.
 - Através da figura de Dr. Aristarco, diretor do colégio, com sua retórica pomposa e vazia, Raul Pompeia critica o sistema educacional da época e a hipocrisia da sociedade.
- Estão corretas
- apenas I
 - apenas II
 - apenas I e III
 - apenas II e III
 - I, II e III
2. (UMESP – ADAPTADO) – Assinale a alternativa correta sobre o romance *O Ateneu*, de Raul Pompeia.
- O romance se realiza pelo processo memorialista do narrador, permeado por uma profunda visão crítica.
 - Trata-se de uma crônica de saudades, em que o narrador revela, a cada instante, vontade de voltar ao passado.
 - O Ateneu* representa uma apologia aos colégios internos como forma ideal para a formação do adolescente.
 - Apesar da tentativa de atingir um estilo realista, a obra mantém uma estrutura romântica aos moldes de José de Alencar.
3. (ITA-SP – ADAPTADO) – Sobre *O Ateneu*, de Raul Pompeia, **não** se pode afirmar que:
- o colégio Ateneu reflete os valores educacionais e sociais da época.
 - o romance é narrado em um tom idealizado, em terceira pessoa.
 - a narrativa expressa um discurso irônico e ressentido.
 - as pessoas são descritas, muitas vezes, de forma caricatural.
4. (MACKENZIE – ADAPTADO) – Assinale a alternativa **incorreta** a respeito de *O Ateneu*.
- Por apresentar uma estrutura bastante eclética, não se trata de um romance que tem uma classificação rigorosa como representante de uma ou outra tendência literária.
 - Há um narrador em 1ª pessoa, Sérgio, que relata fatos ocorridos com ele no passado.
 - A maioria dos personagens é apresentada de forma caricatural, realçando seus aspectos negativos.
 - Em nome de uma narrativa mais dinâmica, o autor abre mão da análise psicológica de personagens.
5. (UFGO – ADAPTADO) – *O Ateneu*, de Raul Pompeia, reúne diversas tendências do romance do final do século XIX. É por causa disso que a obra, coerente com o estilo
- realista-naturalista, faz um estudo do cotidiano do Segundo Reinado brasileiro e dá atenção ao meio social, entendido como responsável pelo condicionamento das personagens.
 - romântico, reafirma procedimentos temático-formais como o triângulo amoroso vivido pelo narrador-personagem e o final feliz, que marca a reconciliação entre o jovem estudante e o diretor do colégio.
 - impressionista, realiza um relato memorialista que reforça as teses naturalistas que privilegiam o tratamento documental e objetivo dos fatos propícios à crítica às instituições do Segundo Reinado.
 - expressionista, exagera de maneira grotesca a oposição entre a corrupção do universo adulto de professores e funcionários do colégio interno e a pureza do universo adolescente dos estudantes.
6. (PUC-RS – ADAPTADO) – Sobre *O Ateneu*, de Raul Pompeia, é correto afirmar que se
- vincula ao Realismo ao negar a influência do meio sobre o indivíduo.
 - utiliza das recordações e impressões do protagonista como matéria-prima.
 - constitui num documento fotográfico da realidade objetiva brasileira.
 - mostra isento de reflexões críticas em relação ao contexto social urbano.

7. (UFMS – ADAPTADO) – A respeito do romance *O Ateneu*, de Raul Pompeia, assinale a alternativa correta.
- a) O universo do internato caracteriza-se como um espaço idealizado dos sonhos infantis de Sérgio, que ele procura reconstituir para dar sentido a uma existência madura, adulta e pessimista.
 - b) Há uma diferença entre o tempo da narrativa e o das vivências da personagem, uma vez que Sérgio procura recuperar fatos e sensações experimentados no passado e guardados em sua memória.
 - c) O tema da saudade é uma constante nos textos realistas, e também em *O Ateneu*, pois o passado é uma realidade imutável e invariável, sendo fonte de felicidade plena que escapa ao fingimento e à hipocrisia do presente.
 - d) O narrador, Sérgio, seguindo os princípios de objetividade que notabilizaram a literatura do Realismo, utiliza uma primeira pessoa alheia aos fatos aos quais faz referência no corpo de sua narrativa.
8. (U. CATÓLICA – GO – ADAPTADO) – Assinale a alternativa correta sobre *O Ateneu*, de Raul Pompeia.
- a) A desilusão de Raul Pompeia em relação à sociedade faz com que o autor delineie no colégio interno um modelo utópico de país que seria resgatado pela educação focada no ensino de humanidades e no fortalecimento das relações afetivas.
 - b) Há no romance de Pompeia uma denúncia do patriarcalismo que vicejava ao tempo do Segundo Reinado. A figura de Aristarco é o protótipo do pai, do chefe de família, cuja vontade devia reinar absoluta.
 - c) A narrativa do romance de Raul Pompeia, por não apresentar uma tessitura dramática determinante de um argumento ou de uma história narrada, contradiz os processos realistas de abordagem ou observação.
 - d) “Confusamente ocorria-me a lembrança do meu papelzinho de namorada faz-de-conta, e eu levava a seriedade cênica a ponto de galanteá-lo, ocupando-me com o laço da gravata dele, com a mecha de cabelo que lhe fazia cócegas aos olhos; soprava-lhe ao ouvido segredos indistintos para vê-lo rir, desesperado de não perceber.” O passo anterior faz referência à homossexualidade do autor.

O ATENEU

1. Raul Pompeia imprime em *O Ateneu* traços impressionistas e expressionistas, o que impediu o romance de assumir a postura objetiva e cientificista que marcou o Realismo. Além disso, o narrador faz constantes comentários com relação aos fatos que aborda em seu livro de memórias. Por causa disso, a afirmação II é falsa.
Resposta: C
2. Em *O Ateneu*, Sérgio recupera suas lembranças de infância e adolescência no colégio interno que dá nome ao romance. Essa retomada se dá sob o crivo crítico e pessimista do narrador.
Resposta: A
3. Desde o primeiro parágrafo do romance, quando o pai, como numa espécie de profecia, conclama o filho a ter coragem para a luta que enfrentará no colégio interno de que fará parte, fica claro ao leitor que a existência assumirá um matiz pessimista. Não há, portanto, idealização.
Resposta: B
4. *O Ateneu* é marcadamente um romance em que seu narrador, Sérgio, recupera de maneira pessimista e psicologicamente densa fatos de sua infância e adolescência no colégio interno que dá nome ao romance. Por isso, é incorreto afirmar que se abra mão, na obra, da análise psicológica.
Resposta: D
5. A preocupação em *O Ateneu* de denunciar os defeitos da sociedade que constitui o colégio interno que dá nome ao livro, a qual é reflexo da sociedade do Segundo Reinado, vincula o romance ao Realismo. Além disso, a ideia de que o ambiente do internato, marcado por opressão, mediocridade e hipocrisia, molda o caráter de seus alunos expressa o Determinismo, doutrina cara ao Naturalismo.
Resposta: A
6. *O Ateneu* é romance em que Sérgio, alter-ego de Raul Pompeia, relata suas lembranças de infância e adolescência em um colégio interno. Essa rememoração é feita em um estilo impressionista, tornando o livro uma justaposição de “manchas do passado”. Erros das demais alternativas: a) o romance não nega as influências do meio sobre o indivíduo – basta lembrar como Sérgio adapta-se ao ambiente em que está inserido, perdendo todo o seu idealismo; c) a abordagem do livro, marcada por traços expressionistas e impressionistas, não se mostra fotográfica e objetiva; d) *O Ateneu* não é isento de considerações críticas – ao contrário, elas aparecem em grande peso no decorrer de sua narrativa.
Resposta: B
7. *O Ateneu*, por ser um romance memorialista, apresenta uma diferença entre o tempo do enunciado (pretérito), que pertence aos fatos narrados, e o tempo da enunciação (presente), que pertence ao momento em que é feita a narração. Assim, “há uma diferença entre o tempo da narrativa e o das vivências da personagem”.
Resposta: B
8. Aristarco, diretor e dono do internato Ateneu, possui um comportamento marcado por narcisismo e autoritarismo. Representa o patriarcalismo que marcava a sociedade brasileira do século XIX. Erros das demais alternativas: a) o colégio Ateneu não é apresentado como um modelo de resgate para a sociedade brasileira, mas como uma representação da decadência em que ela se encontrava; c) o romance apresenta processos típicos do Realismo de análise psicológica, apesar de sua narrativa ser esgarçada; d) os traços de homossexualidade apresentados no trecho, assim como no livro, pertencem ao universo do narrador-personagem e não do autor.
Resposta: B